



MARIA, MÃE DE JESUS

Mary, mother of Jesus

Denise Santana¹

Resumo:

Este artigo descreve quem foi Maria, a mulher mais importante da Bíblia Sagrada. Traz uma visão sobre as diferentes interpretações que protestantes e católicos romanos fazem dos dogmas marianos. A análise sobre quem é Maria para os cristãos é retratada sob o aspecto histórico cultural.

Palavras-chave:

Maria. Dogma. Dogma mariano. Católico. Protestante.

Abstract:

This article describes who was Mary, the most important woman in the Holy Bible. It gives insight into the different interpretations that protestants and Roman Catholics make of Marian dogmas. The analysis of who is Mary for Christians is portrayed from the historical cultural aspect.

Keywords:

Maria. Dogma. Marian dogma. Catholic. Protestant.

A vida de Maria é narrada nos textos bíblicos. Está registrada em Mt 1:18-25; Lc 1:26-38,46-56; Lc 2:1-20. Ela foi escolhida por Deus para ser a mãe do Salvador Jesus Cristo. Os Evangelhos falam pouco sobre Maria, mas isso se explica porque o foco do texto bíblico era narrar a vida e obra de Jesus de Nazaré. Mesmo com poucas passagens sobre Maria, a Bíblia traz informações suficientes para mostrar a importância dela na história da igreja. Os primeiros relatos são quando o anjo a revela que foi escolhida para ser mãe do Salvador Jesus. Depois a Bíblia cita a gravidez, o nascimento de Jesus (no ano 6 ou 5 a.C.), quando ele foi levado para o Egito (no ano 4 a.C.), as festas posteriores das quais Maria e Cristo participaram como o casamento em Caná da Galileia, local do primeiro milagre, onde água foi transformada em vinho². Pierrard³ concorda com

View metadata, citation and similar papers at CORE.ac.uk

buscada na Escola Superior de Teologia São Leopoldo: Periódicos da Faculdade EST

período de 10 anos até COBE

¹ Denise Santana é jornalista, teóloga e professora. É residente em Brasília, DF. Fez Mestrado em Teologia pela Escola Superior de Teologia; pós-graduação em MBA Gestão da Comunicação nas Organizações pela Universidade Católica de Brasília; bacharelado em Teologia pela Faculdade Evangélica de Brasília; bacharelado em Comunicação Social, Jornalismo, pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília; licenciatura plena em História pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília. No Jornalismo, é professora das disciplinas de Assessoria de imprensa e Comunicação Interna. Na Teologia, dá aula de História do Cristianismo, História do Cristianismo no Brasil, Aconselhamento Cristão, Movimentos Religiosos Contemporâneos, Ética e Teologia Sistemática. Contato: jornalista.denise.santana@gmail.com

² Robert H. Gundry afirma que o monge Dionísio Exíguo, do século VI, calculou mal o ano do nascimento de Jesus quando estabeleceu o sistema de datação "a.C." e "d.C.", no qual se supõe que Jesus nasceu em 25 de dezembro do

a data do nascimento assim como Earle Cairns, que também reforça essa data, afirmando que Maria deu à luz a Jesus no ano 749 A.U.C., ou cerca de 5 a.C.⁴. José M. de Medeiros também coloca a morte de Herodes no ano 4. Isso tem base histórica porque o assassinato dos bebês israelitas e a fuga para o Egito precederam a morte de Herodes⁵. Lawrence Richards lembra outra informação histórica importante ao dizer que o nascimento de Cristo foi o cumprimento de uma profecia feita 700 anos antes, pelo profeta Isaías⁶. O texto bíblico ainda fala sobre o julgamento, a morte e a crucificação de Jesus. Maria estava presente. Também em Pentecostes ela esteve. Em todos os atos, lá está registrado a presença dela.

Toda a história de Jesus está diretamente ligada à de Maria. A última cena bíblica que retrata Maria, depois da assunção de Jesus, é na companhia dos apóstolos (At 1:14). Depois disso, nada mais se fala sobre ela. A tradição católica, sem provas históricas, diz que Maria está sepultada em Jerusalém, no vale de Cédom, no Monte das Oliveiras (também chamado de Getsêmani). Ali está o túmulo de Maria, na igreja da assunção que recebeu o nome de Basílica da Dormição. Ainda de acordo com os católicos romanos, nesse local também foram sepultados José, Ana e Joaquim (os pais de Maria). “Não se sabe quando e de que modo Maria morreu. O seu túmulo vê-se no vale de Cedrom, mas não se pode crer na sua legitimidade, por falta de bons testemunhos”⁷.

Os cristãos têm uma interpretação diferentes sobre quem foi a mulher mais importante na história da humanidade. Qual a interpretação que os católicos romanos fazem de Maria? E qual interpretação dos protestantes?

A *Constituição Dogmática Lumen Gentium* descreve quem é Maria para a Igreja Católica Apostólica Romana. O *Lumen Gentium* (que significa “luz dos povos”) foi um documento redigido no Concílio Vaticano II, cuja votação final ocorreu mundialmente em 21 de novembro de 1964. Depois que os romanos aprovaram o texto, o papa Paulo VI o promulgou⁸.

No capítulo VII, o documento defende o culto aos mortos. O título deste capítulo é “A índole escatológica da igreja peregrina e a sua união com a igreja celeste”. Esse ponto é importante para entendermos o capítulo VIII que define quem é a mãe de Jesus, “a bem-aventurada virgem Maria de Deus no ministério de Cristo e da igreja”. Esse é o título do capítulo.

Vamos explicar a primeira parte, o capítulo VII, que cita os mortos. O texto diz que a igreja, que recebe a santidade pela graça divina, só alcançará a sua realização acabada na glória celeste. Depois de defender a santificação, falar da glória futura que espera os santos, citar a condenação e a salvação que haverá no juízo final (céu e inferno), o texto diz que é necessário ter união entre a igreja celeste (aquela que já morreu e está com Cristo) e a igreja peregrina (os cristãos que ainda estão vivos neste mundo). Diz que não se interrompe a união dos que ainda caminham sobre a terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo. Cita que os mortos em Cristo intercedem pelos ainda vivos e contribuem para que estes sejam edificadas⁹. Como forma de expressar essa

ano primeiro a.C., e foi circuncidado no dia 1 de janeiro do ano primeiro d.C., visto que não há ano zero. GUNDRY, H. Robert. Panorama do Novo Testamento. 3ª edição atual e ampliada, São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 277.

³ PIERRARD, Pierre. História da igreja. São Paulo: Paulus, 1982, p. 16.

⁴ CAIRNS, Earle. O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã. São Paulo: Nova Vida, 1984, p. 39.

⁵ MEDEIROS, José M. de. Panorama da história da Bíblia. 17ª edição, São Paulo: Editora Paulus, 2019, sem paginação.

⁶ RICHARDS, Lawrence O. Comentário histórico-cultural do Novo Testamento. 12ª edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 9.

⁷ DAVIS, John. Novo Dicionário da Bíblia ampliado e atualizada. São Paulo: Hagnos, 2005, p.790.

⁸ Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acessado em: 5 nov. 2019.

⁹ Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acessado em: 5 nov. 2019.

união entre os cristãos vivos e os que já morreram, existem as orações pelos defuntos e o culto dos santos. A constituição dogmática *Lumen Gentium* reconhece a “comunicação de todo o corpo místico de Cristo”. Diz que a igreja que ainda está na Terra, chamada de peregrina, cultivou, desde os primeiros tempos do cristianismo, a memória dos defuntos. Citando 2 Macabeus 12:46 (que comenta sobre fazer sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres de suas faltas), o documento *Lumen Gentium* diz que “é coisa santa e salutar rezar pelos mortos, para que sejam absolvidos de seus pecados e por eles oferecer também sufrágios”.¹⁰

Continuando a narrar sobre a primeira igreja, o documento afirma que os apóstolos e mártires derramaram seu próprio sangue e deram testemunho de fé em Jesus. E que a igreja “sempre acreditou estarem mais ligados conosco em Cristo, os venerou com particular afeto, juntamente com a bem-aventurada virgem Maria e os santos anjos e implorou o auxílio da sua intercessão”¹¹. Diz também que a vida desses santos que seguiram fielmente a Cristo é um motivo que os entusiasma a buscar a cidade futura. “É sobretudo na vida daqueles que, participando conosco da natureza humana, se transformam, porém, mais perfeitamente à imagem de Cristo, que Deus revela aos homens, de maneira mais viva, a Sua presença e a Sua face. Neles nos fala, e nos dá um sinal do Seu reino, para o qual, rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas (Hb 12:1) e tendo uma tal afirmação da verdade do Evangelho, somos fortemente atraídos”.¹²

A igreja propõe união entre todos os cristãos. Os vivos, os mortos que já estão na glória celeste e àqueles que, após a morte, estão ainda em purificação. Portanto, a intercessão dos santos mortos é aceita como uma ajuda. Todos são considerados filhos de Deus e formam uma família em Cristo. Explicado como a Igreja Católica Romana entende a veneração e o culto dos mortos, fica fácil entender a visão que tem sobre Maria, mãe de Jesus. Ela é uma facilitadora para o fiel chegar até Deus.

O documento *Lumen Gentium*, no capítulo VIII, define Maria. Diz que os crentes são filhos adotivos dela. Diz que Deus, para redimir o mundo, enviou Seu filho. Os católicos romanos entendem que Maria ficou grávida por obra do Espírito Santo. Defendem que a igreja, em “comunhão com todos os santos, deve também venerar a memória, em primeiro lugar da gloriosa sempre virgem Maria mãe do nosso Deus e Senhor Jesus Cristo”.

M. James Sawyer comenta e discorda do culto (devoção) a Maria. Diz que umas das formas de devoção a ela é realizar o culto aos santos.

O culto aos santos, no catolicismo, é muito diferente da veneração aos santos verificada na ortodoxia e muito mais problemático. No catolicismo, o conceito lentamente desenvolveu a ideia de que alguns crentes eram especialmente consagrados – o bastante para merecer o título de santos. As boas obras realizadas por esses santos foram mais que necessárias para a sua salvação. E essas obras de supererrogação (obra ou ato que tem por fim fazer mais do que é devido para obter a salvação) foram depositadas num tesouro de mérito do qual a igreja poderia transferir como crédito, por meio das indulgências, a cristãos menos consagrados. Essas indulgências eram vendidas por dinheiro a fim de encurtar o período de tempo no purgatório dos crentes que haviam morrido com pecados em sua conta pessoal. O abuso desse sistema foi um dos fatores que motivaram a Reforma Protestante. Embora o flagrante abuso do sistema tenha desaparecido, o conceito de indulgências ainda é parte do

¹⁰ Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acessado em: 5 nov. 2019.

¹¹ Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acessado em: 5 nov. 2019.

¹² Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acessado em: 5 nov. 2019.

ensino e da prática oficial da Igreja Católica Romana. Da perspectiva protestante, a noção de um tesouro de méritos abala o conceito da obra consumada de Cristo.¹³

A virgem merece um culto na concepção católica. A mãe de Jesus está acima de todos os anjos e homens. A partir do Concílio de Éfeso, no ano 431, o culto a Maria cresceu muito. Na veneração a Maria, na honra à mãe, busca-se amar e glorificar o Filho. Maria é chamada também de mãe de Deus.

Em uma análise que enfatiza o contraste de interpretação entre católicos e protestantes, Bruce L. Shelley mostra a oposição que Lutero fez aos dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana. A primeira convicção do monge foi a de que a salvação se dá somente pela fé em Cristo e nunca pelas obras. Por isso, os protestantes não acreditam que as pessoas possam se salvar por suas boas obras e que os mortos, considerados santos, têm crédito na sua conta que possam ajudar os cristãos ainda vivos mediante interceder por estes junto a Jesus. Lutero disse que as Escrituras - e não os papas e os concílios, fornecem diretrizes de fé e do comportamento para o cristão¹⁴. Portanto, o monge Martinho Lutero discordou da ideia de que as boas obras realizadas pelas pessoas, consideradas santas, como, por exemplo, Maria e outros santos, são necessárias para a sua salvação.

Os católicos romanos acreditam que, assim como consideravam os santos padres, Maria não foi utilizada por Deus como instrumento meramente passivo, mas que cooperou livremente, pela sua fé e obediência, na salvação dos homens. Uma das citações históricas para confirmar que Maria cooperou na salvação da humanidade é o texto de São Ireneu que diz que ela, ao obedecer, tornou-se causa de salvação, para si e para todo o gênero humano. Os padres (patrísticos) afirmam que “o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a virgem Maria com a sua fé”¹⁵. Comparando Maria a Eva, a mãe de Jesus é chamada mãe dos vivos. Dizem que a morte veio por Eva, mas a vida veio por meio de Maria. Os romanos entendem que a associação da mãe com o Filho, na obra da salvação, manifesta-se desde a concepção virginal de Cristo até a Sua morte.

A Igreja Católica Apostólica Romana afirma que o mediador é só Jesus Cristo (1Tm 2: 5-6) e que a função maternal de Maria em relação aos seres humanos de modo algum ofusca ou diminui essa única mediação de Cristo. Apesar de exaltar Jesus, os romanos acreditam que Maria também é mediadora entre as pessoas e Jesus. Inclusive essa crença está explícita em um ditado popular muito difundido que é “peça à mãe que o Filho atende”. Existe uma oração especial a ela que diz: “Ave Maria cheia de graça. O Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres. E bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores. Agora e na hora da nossa morte. Amém”. E como surgiu a oração da Ave Maria? A marióloga Marlene Lacerda diz que a oração é composta de duas partes: louvor e súplica. O louvor está baseado no texto de Lucas 1:28b e em Lc 1.4b, quando o anjo Gabriel e depois Isabel saudaram Maria¹⁶. Lembrando que a Igreja Católica afirma que adora somente a Deus (latria), venera os santos (dulia) e venera, de forma mais especial, a Maria (hyper dulia).

Depois de analisarmos o documento *Lumen Gentium*, passaremos a observar outro texto chamado o Catecismo da Igreja Católica, que também cita sobre a teologia marial (mariologia). Resumindo, os dogmas (do grego *dóγμα*, que significa “opinião” e “decisão”) marianos são

¹³ SAWYER, M. James. Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico. São Paulo. Editora Vida, 2009, p. 307.

¹⁴ SHELLEY, Bruce L. História do cristianismo ao alcance de todos. São Paulo: Shedd Publicações, 2004, p. 269.

¹⁵ Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acessado em: 5 nov. 2019.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.a12.com/academia/artigos/a-vmrgem-maria-no-catecismo-da-igreja-1>>. Acessado em: 26 nov. 2019.

quatro: maternidade divina (Maria é mãe de Deus), virgindade perpétua (Maria permaneceu virgem mesmo depois que Jesus nasceu), Imaculada Conceição (ela não teve e não tem pecado porque está viva. Maria não morreu) e assunção (ela foi assunta aos céus. Ou seja, atualmente está viva no céu com a Trindade. É por isso que o fiel reza e pede a intermediação dela para obter uma bênção).

Para a Igreja Católica Romana o dogma é uma verdade definitiva e revelada. É obrigatório o fiel crer nesse ensinamento, tendo-o como doutrina solene. A negação de um dogma é combatida como heresia e estigmatizada com anátema (ou seja, excomunhão, sentença de maldição que expulsa da igreja, condenação, repreensão). Nem sempre os dogmas são fundamentados somente na Bíblia. Muitos também são estabelecidos pela tradição. O Catecismo da Igreja Católica, número 88, diz que “o magistério da igreja empenha plenamente a autoridade que recebeu de Cristo quando define dogmas, isto é, quando utilizando uma forma que obriga o povo cristão a uma adesão irrevogável de fé, propõe verdades contidas na revelação divina ou verdades que com estas têm uma conexão necessária”.¹⁷

Vamos detalhar cada um dos quatro dogmas. O primeiro é a maternidade divina (Maria é mãe de Deus). O Concílio de Éfeso, no ano de 431, definiu esse ponto da fé católica. O grande objetivo do concílio foi dizer sobre a unidade da pessoa de Cristo. Afirmar que Maria é mãe de Jesus, o Filho de Deus encarnado. Disse também que era para ser excomungado da igreja quem não admitisse que Emanuel é Deus e a virgem Maria é mãe de Deus (*theotókos* que significa não genitora da divindade, mas geradora do Verbo encarnado). Foi com Orígenes de Alexandria que o termo mãe de Deus apareceu pela primeira vez. Além do Concílio de Éfeso, o Concílio de Calcedônia, no ano de 451, reafirmou a convicção da maternidade divina de Maria.

O Concílio de Calcedônia confessou o único Senhor Jesus Cristo, pleno em sua divindade bem como em sua humanidade, consubstancial ao Pai quanto à divindade e consubstancial a nós quanto à humanidade, gerado por Deus antes de todos os tempos, nos últimos dias nascido da virgem Maria, a mãe de Deus (*theotókos*). Manteve-se que ele (Jesus Cristo) é único, em duas naturezas sem mistura, imutáveis, indivisíveis e inseparáveis, e mesmo mantendo suas prioridades, elas se unificaram numa só pessoa e forma de existência (hipóstase).¹⁸

O dogma da maternidade divina é o mais antigo. Conta-se que surgiu para combater as pregações heréticas de Nestório, patriarca de Constantinopla (380-451). Ele discordava do termo *theotokos* (mãe de Deus) aplicado à Maria. Nestório preferia o título *christotokos* (mãe de Cristo). Dizia que Cristo tinha duas naturezas unidas, mas constituindo duas pessoas. Afirmava que Maria era mãe de Jesus homem, mas não era mãe de Deus. A igreja da época entendeu a pregação de Nestório como Deus tendo habitado em um homem, mas não se fazendo homem. Ou seja, a encarnação verdadeira não tinha existido de fato. Consequentemente, a igreja não aceitou a ideia nestoriana porque colocava em dúvida a redenção humana. Cirilo, em Alexandria, combateu Nestório que foi condenado, no ano de 430, pelo Sínodo de Roma. Os padres destacam diversos versículos bíblicos para defender a ideia da maternidade divina. Os textos são: Gl 4:4-5; Mt 1:18-25; Mt 2:1-12; Mt 13:55; Lc 1: 26-45; Lc 2: 1-7; Mc 3: 31-35; Jo 2:12; Jo 19:26-27; Jo 6:42; At 1:12-14.

O teólogo M. James Sawyer também comenta sobre a virgem bendita afirmando que, no século V, a igreja debatia sobre a controvérsia cristológica para definir sobre a pessoa encarnada de Cristo. Foi a briga entre usar o termo *theotokos* (mãe de Deus) ou *christotokos* (mãe de Cristo)

¹⁷ Disponível em: <<https://www.a12.com/academia/artigos/a-irgem-maria-no-catecismo-da-igreja-1>>. Acessado em: 26 nov. 2019.

¹⁸ KAUFMANN, Thomas; KOTTJE, Raymund; MOELLER, Bernd; WOLF, Hubert. História ecumênica da igreja: dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Edições Loyola: Paulus; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2012, p. 141.

para definir Maria. No século V, durante o debate da igreja, venceu o termo *theotokos*. Já no século XVI, alguns protestantes concordaram com Nestório e consideraram um exagero a elevação de Maria a mãe de Deus. Mas Calvino, Zwinglio, Lutero, Barth e Tom Odem disseram que havia a necessidade teológica de manter Maria como *theotokos* (mãe de Deus). Sawyer diz também que a virada do milênio, do século XX para o XXI, foi marcada pela devoção popular a Maria. Por anos a Igreja Católica considerou Maria corredentora com Cristo. Até o papa João Paulo II, que era devoto de Maria, se referiu a ela como corredentora. Mas João Paulo não a declarou formalmente, junto à teologia católica, com a função de ser corredentora, apesar da grande pressão popular para fazê-lo.

O status de Maria no catolicismo é mais problemático que no contexto da ortodoxia oriental. O catolicismo elevou Maria a uma posição de honra para a de uma divindade virtual. Por várias razões, sua posição na piedade popular como corredentora é inaceitável para os protestantes. Não há nenhuma justificativa nas Escrituras para essa elevação, que parece uma compreensão imprópria da cristologia, na qual o amor e a misericórdia do Salvador se perderam no entendimento popular e somente o juízo ficou patente aos olhos dos fiéis. Foi essa a situação com a qual Martinho Lutero foi confrontado e que o levou ao desespero antes da descoberta da graça de Deus nas Escrituras.¹⁹

Ainda comentando sobre a maternidade de Maria, cabe lembrar o cântico de louvor e ações de graça que ela fez a Deus quando soube que estava grávida. Esse hino, conhecido como “O *Magnificat*”, está narrado em Lucas 1:46-55. Paul Gardner afirma que o hino é semelhante a antigos cânticos hebraicos encontrados no Antigo Testamento como a oração de Ana (1 Sm 2:1-10) e a canção de Davi (2 Sm 22:1-51).²⁰ Craig S. Keener compara a oração de Maria e o cântico de Ana. Há muitos aspectos e temas semelhantes nas duas orações (cânticos). Keener diz que ambos os textos ressaltam que Deus exalta os humildes e abate o orgulhoso, dizem que as duas mulheres estavam felizes, citam a santidade divina, falam que Deus encheu de bens os famintos, que os pobres substituem os nobres e os textos citam (no caso de Ana) a mudança da libertação pessoal para o rei ungido por Deus e a mudança da libertação pessoal para a libertação de Israel (no caso da oração de Maria).²¹ Lawrence Richards diz que o *Magnificat* tem três divisões: um louvor a Deus pelo que Ele fez a Maria (Lc 1:46-48), depois fala dos atributos divinos afirmando que Ele é santo e misericordioso e, por fim, a terceira divisão reflete o compromisso escatológico de Deus (“um compromisso prefigurado pela sua escolha da humilde Maria para gerar o Messias”)²². É interessante observar que o autor Stegemann mostra uma comparação entre o evangelho de Lucas e o de Mateus.

Quando se comparam as histórias do nascimento e da infância do Evangelho de Lucas com as do Evangelho de Mateus, chama a atenção que no de Lucas desempenham um papel central especialmente as esperanças atreladas a dois nascimentos, a saber, do Batista e de Jesus. Chama a atenção também que essas esperanças se direcionam para a libertação política de Israel de todos os seus inimigos. Essa esperança é expressa por Zacarias, o pai de João Batista, num salmo. Também assim denominado *Magnificat* de Maria (...) contém esperanças sociais e políticas de transformações de condições sociais: Deus derruba poderosos do trono e exalta humildes, concede bens aos famintos e despede vazios os ricos.²³

¹⁹ SAWYER, M. James. Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico. São Paulo: Editora Vida, 2009, p. 307.

²⁰ GARDNER, Paul. Quem é quem na Bíblia Sagrada. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 435.

²¹ KEENER, Craig S. Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 211.

²² RICHARDS, Lawrence O. Comentário histórico-cultural do Novo Testamento. 12ª edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 137.

²³ STEGEMANN, Wolfgang. Jesus e seu tempo. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012, p. 67.

A oração de Maria ficou conhecida como *Magnificat*. Já o *Benedictus*, conhecido com cântico ou canção de Zacarias, narrado em Lc 1:57-80, designa João Batista como precursor de Cristo²⁴. Ambas histórias, de Jesus e de João Batista, se unem desde o início quando suas mães (Maria e Isabel) se encontram para contar uma à outra que estavam grávidas.

Os teólogos dizem que, mais do que somente gratidão a Deus, as orações de Maria e de Zacarias revelam sobre a questão política de Israel. Naquela época, esperava-se que um Salvador político aparecesse para libertar o povo do jugo romano. Bruce fala em um Messias militarizado. Além do povo que esperava uma libertação política, existiam outras pessoas que tinham uma expectativa messiânica mais espiritual. “Os cânticos da natividade abrem espaço não somente para o tema davídico pronunciado por Gabriel e Zacarias, mas também para o *Nunc dimittis* de Simeão, palavras estas que remetem aos cânticos do servo, em Lucas 2:30-32 que diz ‘os meus olhos a tua salvação’”²⁵.

Somente a título de informação, o *Nunc dimittis* é conhecido como cântico de Simão, em alusão ao texto bíblico que diz que Simão estava no templo, em Jerusalém, quando Maria e José foram consagrar Jesus, 40 dias depois do nascimento. Não confundir essa consagração com a cerimônia de circuncisão que acontecia no oitavo dia de nascimento de um menino. Simão tinha a promessa de que não morreria sem ver o Salvador. A profecia se cumpriu quando ele apresentou Jesus. Na oração, Simão diz que Deus poderia despedi-lo em paz já que os seus olhos tinham contemplado Jesus, a salvação da humanidade (Lc 2:29-32).

O segundo dogma é a virgindade perpétua de Maria. Foi no ano de 649, no Concílio de Latrão, quando era papa Martinho I, que essa verdade católica ficou estabelecida. O papa condenou todas as pessoas que não confessavam que Maria era virgem, mesmo depois do parto de Jesus. Simplificando a ideia, ela sempre foi virgem para os católicos: antes, durante e depois do parto. Vários patrísticos defenderam essa tese: Inácio de Alexandria, Justino, Irineu, Epifânio, Ambrósio, Êfrem, Jerônimo e Agostinho.

Mas, muito antes do Concílio de Latrão, se citava sobre o assunto. O Credo Niceno-constantinopolitano (produzido a partir do Primeiro Concílio de Niceia, no ano de 325, e do Primeiro Concílio de Constantinopla, em 381) comentou que Jesus se encarnou pelo Espírito Santo, em uma virgem. Também o Concílio de Calcedônia, no ano de 451, disse que Jesus nasceu de uma virgem. E o Concílio de Constantinopla II, no ano de 553, reafirmou esta máxima.

O Concílio Niceno-constantinopolitano diz: em outros momentos a igreja continuou afirmando a virgindade perpétua de Maria. O papa Paulo IV, em 1555, em um documento intitulado *Cum quorundam hominum*, disse que ela sempre é virgem. Mas a igreja nunca detalhou como isso aconteceu. O dogma é baseado, de acordo com os romanos, na Bíblia e na tradição. Ela também não teve outros filhos e não consumou o casamento com José. Os textos bíblicos que citam sobre os irmãos de Jesus (Mc 3:31-35; Mc 6:3; Jo 2:12; Jo 7:2-10; At 1:14; Gl 1:19; 1Co 9:5) são interpretados como sendo primos ou parentes. A igreja não entende que os textos se referem a irmãos biológicos²⁶.

O padre Bisinoto, citando o padre Estevão Tavares Bettencourt, diz que “os chamados irmãos de Jesus são seus primos ou parentes e não irmãos biológicos. Na linguagem bíblica, irmão é empregado em lugar de primo, sobrinho, parente. O aramaico (...) era uma língua pobre em

²⁴ BULL, Klaus-Michael. Panorama do Novo Testamento: história, contexto e teologia. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 37.

²⁵ BRUCE, F. F. História do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 135.

²⁶ Disponível em: <<https://www.a12.com/academia/artigos/a-vmrgem-maria-no-catecismo-da-igreja-1>>. Acessado em: 26 nov. 2019.

vocábulo. A palavra aramaica e hebraica irmão podia significar não somente os filhos dos mesmos genitores, mas também os primos ou até parentes mais distantes”²⁷.

Os protestantes entendem que Maria não permaneceu virgem depois do casamento. Afirmam que ela foi virgem durante a concepção e o nascimento de Jesus, mas que José e Maria se casaram e consumaram o casamento (inclusive tiveram outros filhos) depois que Jesus nasceu. Como base para afirmar que Maria teve outros filhos, além de Jesus, cita-se Mc 6:3 que comenta sobre as irmãs de Jesus. John Davis cita que “se os irmãos do Senhor eram, como é provável, filhos de José e de Maria, nascidos depois que Jesus apareceu, Maria deveria ter sido mãe de grande família”²⁸. Robert H. Gundry vai além. Afirma que Tiago, geralmente considerado irmão de Jesus (mas meio irmão, na verdade, em razão do nascimento virginal), pode ter sido meio irmão de Jesus por meio de um casamento anterior (conjecturado) de José, antes de ter este contraído matrimônio com Maria²⁹.

Craig S. Keener, baseado na Bíblia, afirma que a concepção de Jesus foi por obra do Espírito Santo. Ele diz que o casamento, no século I, consistia em aliança. Começava com noivado, tinha o contrato de casamento e envolvia uma transação monetária entre as famílias. Depois vinha a celebração e a consumação que ratificava o casamento e ocorria no primeiro dia do banquete que durava uma semana. “Nesta passagem, José se casa com Maria, mas abstêm-se de consumir o casamento até o nascimento de Jesus. (...) Não só a concepção, mas também o nascimento de Jesus é virginal”³⁰. Robert H. Gundry discorda da ideia da virgindade perpétua.

Para poder sustentar a doutrina da perpétua virgindade de Maria, a visão tradicional da Igreja Católica Romana é que o termo ‘irmãos’ significa ‘primos’. Porém, as associações que se depreendem ter havido entre Jesus e seus irmãos, em trechos como Mt 13:55, Mc 6:3 e Jo 2:12; 7:2-10 dão a entender que havia laços de sangue mais íntimos do que os meros irmãos de criação³¹.

Para os cristãos, Maria ser virgem é uma confirmação de que Jesus é o Messias esperado pelo povo israelita. Myer Pearlman diz que “o Antigo Testamento ensina que o Messias nasceria de uma virgem e que deveria ser não somente filho de Davi, mas também filho de Deus (Is 9:6). Mateus narra o nascimento virginal de Cristo para demonstrar que se cumpriram nele essas Escrituras”³².

O terceiro dogma é o da imaculada Conceição. A ideia geral dessa crença é que Maria não teve pecado original. Desde o primeiro momento de sua existência, mesmo tendo nascido da relação sexual de um homem e de uma mulher (seus pais foram Joaquim e Ana), Maria não teve a mancha do pecado adâmico. Por que ela não pecou? Porque Deus a escolheu para ser mãe de Jesus. Esse dogma foi definido pelo papa Pio IX, em 1854, na bula chamada *Ineffabilis Deus*.

Não foi somente o papa Pio IX que defendia a ideia da imaculada. Já no século I, o escrito apócrifo (que significa oculto, livro não lido em assembleia de culto) chamado Protoevangelho de Tiago, que também recebeu o nome de Natividade de Maria, pregava a falta de pecado da mãe de Cristo. Alguns dos primeiros cristãos consideraram muito esse livro como Clemente de Alexandria, Justino e Orígenes. Certamente essa obra influenciou na liturgia e na mariologia da igreja.

²⁷ Disponível em: <<https://www.a12.com/academia/artigos/a-vmrgem-maria-no-catecismo-da-igreja-1>>. Acessado em: 26 nov. 2019.

²⁸ DAVIS, John. Novo Dicionário da Bíblia ampliado e atualizada. São Paulo: Hagnos, 2005, p.789.

²⁹ GUNDRY, H. Robert. Panorama do Novo Testamento. 3ª edição atual e ampliada, São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 570.

³⁰ KEENER, Craig S. Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 48.

³¹ GUNDRY, H. Robert. Panorama do Novo Testamento. 3ª edição atual e ampliada, São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 571.

³² PEARLMAN, Myer. Através da Bíblia livro por livro. São Paulo: Editora Vida, 2006, p. 238.

Depois disso, no século IV, o teólogo Efrém disse que Jesus e Maria não tinha pecado. No século VIII os cristãos celebravam a festa litúrgica da Conceição de Maria. No século XVI, o Concílio de Trento, 1545-1563, não contestou essa verdade romana. Já no século XIX, o papa Pio IX “interrogou os bispos dos diversos países, evidenciando que a necessidade de se declarar o privilégio da Imaculada Conceição de Maria exprimia o sentimento comum de toda a igreja. Todavia, a consulta ressaltava que é necessário relacionar tal privilégio com a redenção de Jesus Cristo”³³.

O padre Eugênio Bisinoto mostra os fundamentos bíblicos para afirmar que Maria não teve e não tem pecado ainda hoje.

São Lucas diz que Maria é “cheia de graça” (Lc 1:28), significando que ela está plena do favor de Deus, da graça divina. Se está totalmente possuída por Deus, não há, em sua vida e coração, lugar para o pecado. Em Lc 1:31 encontramos a expressão “*conceberás em teu seio*”. Maria tornou-se, em grau vivo e pleno, o que eram a tenda do Senhor no deserto e o Santo dos Santos no templo de Jerusalém. Maria veio a ser também, em termos excelentes, aquilo que era a cidade de Jerusalém, o monte Sião do Santo de Israel (Ez 37:23.27). O mais importante do que qualquer santuário inerte é o santuário vivo de Maria. Em consequência, Maria devia ser totalmente pura, isenta de qualquer mancha do pecado. Em Gn 3:15, lemos: ‘porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar’. A fé cristã interpreta que a mulher é Maria, enquanto a serpente é o demônio, o mal. Maria e seu descendente, Jesus Cristo, são inimigos do demônio. Por ser mãe do Salvador, Nossa Senhora não poderia ficar sob o poder do demônio, mesmo por um breve momento que fosse. O próprio Filho de Deus não poderia nascer de uma mulher sujeita ao mal, ao pecado. Portanto, Maria devia ficar imune ao pecado original.³⁴

Outra autora, Edith Momméja, também diz que Maria foi preparada desde a o momento antes de nascer. “Maria não nasceu de Deus. Foi concebida pelos seus pais que viviam como pessoas santas. Deus intervém somente no seio de sua mãe, no momento da concepção, dando à criança todas as graças que lhe permitirão desenvolver-se como uma Eva pura, não marcada pelo pecado original”³⁵. A autora lembra que Eva pecou e trouxe a morte para si mesma e para a humanidade. Já Maria não pecou e trouxe vida para a humanidade.

Os protestantes discordam do dogma que diz que Maria não teve pecado. Para eles, Maria é importante, é bem-aventurada, mas é mortal, pecadora e carece de salvação como todos os demais seres humanos. Maria é santa, sim, no sentido de que todos os que têm Jesus como Salvador são santos (separados). A própria Bíblia chama os crentes a serem santos como Deus é santo.

Os protestantes defendem as ideias de Martinho Lutero quando disse que somente as Escrituras (*Sola Scriptura*) devem ser consideradas para se interpretar um texto. Nessa linha de pensamento, a Bíblia nunca afirmou que Maria é isenta de pecado. Pelo contrário. O texto bíblico diz que todos pecaram e carecem a glória de Deus. Josef Lenzenweger lembra que “Lutero negava a interpretação da Bíblia quer pelo magistério da igreja, quer pelos santos padres”³⁶. Portanto, os protestantes entendem que dizer que Maria não tem pecado está baseado na tradição romana e necessita de embasamento bíblico.

³³ Disponível em: <<https://www.a12.com/academia/artigos/a-vmrgem-maria-no-catecismo-da-igreja-1>>. Acessado em: 26 nov. 2019.

³⁴ Disponível em: <<https://www.a12.com/academia/artigos/a-vmrgem-maria-no-catecismo-da-igreja-1>>. Acessado em: 26 nov. 2019.

³⁵ MOMMÉJA, Edith. As festas cristãs: histórias, sentido e tradição. São Paulo: Paulus, 2014, p. 168.

³⁶ LENZENWEGER, Josef; STOCKMEIER, Peter; BAUER, Johannes B; AMON, Rudolf; ZINHOBLE, Rudolf. História da igreja cristã. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 210.

O quarto dogma diz sobre a assunção de Maria. Isso significa dizer que, na interpretação dos católicos romanos, Maria não está morta e já foi direito para o céu. Ela terminou o seu trabalho terreno e foi assunta de corpo e alma ao céu. Hoje ela está viva e junto à Trindade. Por isso pode mediar e interceder pelas pessoas. A afirmativa da assunção faz parte da verdade da fé romana. Tem amparo nos seguintes textos bíblicos: Gn 3:15; Ex 20:12; Is 60:3; Sl 132:8; Ct 3:6; Lc 1:28; Ap 12.

Como foi o último dogma criado pela igreja, é bem recente, datado do ano de 1950, século XX, sendo proclamado pelo papa Pio XII, por meio da Constituição Apóstolica *Munificentissimus Deus*. Essa documentação da igreja é do século XX, mas os padres afirmam que a crença popular na assunção dela é antiga. No século IV, Efrém disse que o corpo virginal da mãe de Jesus não teve corrupção após a morte. Epifânio disse que Maria recebeu os céus ainda com carne. O teólogo Bisinoto diz que, já no século VI, em Jerusalém, era realizada a festa chamada Dormição de Nossa Senhora³⁷. A festa era por decreto imperial. No século VII a festa também era feita em Constantinopla. No século VII, em Roma, o papa São Sérgio I também celebrava a mesma festividade. No século VII, Inglaterra e França organizavam a festa, mas sob novo título. Agora a festa se chamava Assunção de Santa Maria. O padre Bisinoto também afirma que os teólogos do século VII, no Oriente, eram adeptos da ideia da assunção. “Do século X em diante, os orientais consolidaram a convicção sobre a glorificação corpórea de Maria”³⁸. No Ocidente, já no século XV, teólogos e leigos criam na assunção. Nos séculos XVIII e XIX, a Santa Sé recebeu vários pedidos para que fosse definido o dogma. Coube a Pio XII declarar a afirmativa verdadeira. A assunção faz parte da tradição. Mais uma vez, os protestantes não concordam com as afirmações teológicas dos católicos. Não acreditam que Maria foi levada aos céus, não morreu e está viva hoje intercedendo pela humanidade. Entendem que Maria morreu, foi sepultada e aguarda, assim como os demais cristãos salvos, a segunda vinda de Jesus Cristo. Acreditam que Maria ressuscitará nesse dia, assim como também todos os demais crentes que já morreram professando a fé.

Referências

BRUCE, F. F. *História do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 135.

BULL, Klaus-Michael. *Panorama do Novo Testamento: história, contexto e teologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 37.

CAIRNS, Earle. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Nova Vida, 1984, p. 39.

DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 3ª edição, São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 140.

DAVIS, John. *Novo Dicionário da Bíblia ampliado e atualizada*. São Paulo: Hagnos, 2005, p.790.

DISPONÍVEL EM: <<https://www.a12.com/academia/artigos/a-vmrgem-maria-no-catecismo-da-igreja-1>>. Acessado em: 26 nov. 2019.

³⁷ Disponível em: <<https://www.a12.com/academia/artigos/a-vmrgem-maria-no-catecismo-da-igreja-1>>. Acessado em: 8 dez. 2019.

³⁸ Disponível em: <<https://www.a12.com/academia/artigos/a-vmrgem-maria-no-catecismo-da-igreja-1>>. Acessado em: 26 nov. 2019.

_____: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acessado em: 5 nov. 2019.

GARDNER, Paul. *Quem é quem na Bíblia Sagrada*. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 435.

GUNDRY, H. Robert. *Panorama do Novo Testamento*. 3ª edição atual e ampliada, São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 277.

KAUFMANN, Thomas; KOTTJE, Raymund; MOELLER, Bernd; WOLF, Hubert. *História ecumênica da igreja: dos primórdios até a Idade Média*. São Paulo: Edições Loyola: Paulus; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2012, p. 141.

KEENER, Craig S. *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 48.

LENZENWEGER, Josef; STOCKMEIER, Peter; BAUER, Johannes B; AMON, Rudolf; ZINHOBLE, Rudolf. *História da igreja cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 210.

MEDEIROS, José M. de. *Panorama da história da Bíblia*. 17ª edição, São Paulo: Editora Paulus, 2019, sem paginação.

MOMMÉJA, Edith. *As festas cristãs: histórias, sentido e tradição*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 168.

PEARLMAN, Myer. *Através da Bíblia livro por livro*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p. 238.

PIERRARD, Pierre. *História da igreja*. São Paulo: Paulus, 1982, p. 16.

RICHARDS, Lawrence O. *Comentário histórico-cultural do Novo Testamento*. 12ª edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 9.

SAWYER, M. James. *Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico*. São Paulo. Editora Vida, 2009, p. 307.

SHELLEY, Bruce L. *História do cristianismo ao alcance de todos*. São Paulo: Shedd Publicações, 2004, p. 269.

STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus e seu tempo*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012, p. 67.